

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

SESSION DE 2008

COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(CLASSES TERMINALES ES, L ET S)

Durée : 5 heures

*L'usage du dictionnaire est interdit***Travail à faire par le candidat**Texte : *Momento de glória*

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Apresente e explique a comparação feita pelo narrador entre o director da escola e o seu próprio pai.
2. Analise o modo de funcionamento do espaço sala de aula que o narrador integrou.
3. Comente os sentimentos que dominam o narrador no seu momento de glória.
4. Estude a personagem do colega destronado e comente o pensamento que o narrador lhe dirige no momento presente.

II. ESSAI

A glória vivida por Zezito só foi possível graças à infelicidade de um colega.

Pensa que devemos estar prontos para tudo quando queremos atingir um objectivo ? Acha que, afinal, os fins podem justificar os meios ?

Exponha a sua opinião numa composição argumentada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Traduza o texto para o francês de « O director da escola » (linha 1) até « Excesso de concentração, talvez. » (linha 24).

Tournez la page S.V.P.

TEXTE

Momento de glória

O director da escola do Largo do Leão, para onde fui transferido depois de passar a primeira classe na Rua Martins Ferrão, e cujo nome próprio não consigo recordar, tinha o raro apelido de Vairinho (hoje não encontro nenhum Vairinho na lista telefónica de Lisboa) e era um homem alto e magro, de rosto severo, que disfarçava a calvície puxando o cabelo de um dos lados e assentando-o com fixador tal como fazia meu pai, embora eu deva confessar que o penteado do mestre me parecia muito mais apresentável que o do meu progenitor. A mim, já naquela tenra idade se me afigurava um tanto caricato (perdoe-se a falta de respeito) o aspecto do meu pai, sobretudo quando o via ao levantar da cama, com aquelas farripas penduradas para o seu lado natural e a pele branca do crânio de uma palidez mole, pois que, sendo ele polícia, tinha de andar a maior parte do tempo com o boné do uniforme posto. Quando fui para a escola do Largo do Leão, a professora da segunda classe, que ignorava até onde o recém-chegado teria acedido no aproveitamento das matérias dadas e sem qualquer motivo para esperar da minha pessoa quaisquer assinaláveis sabedorias (reconheça-se que não tinha obrigação de pensar outra coisa), mandou-me sentar entre os mais atrasados, os quais, por virtude da disposição da sala, ficavam numa espécie de limbo, à direita da professora e de frente para os adiantados que deviam servir-lhes de exemplo. Logo poucos dias depois de as aulas terem começado, a professora, com o fito de averiguar como andávamos nós de familiaridade com as ciências ortográficas, fez-nos um ditado. Eu tinha então uma caligrafia redonda e escoreita, apumada, boa para a idade. Ora, aconteceu que o Zezito (não tenho culpa do diminutivo, era assim que a família me chamava, muito pior teria sido se o meu nome fosse Manuel e me tratassem por Nelinho...) cometeu um único erro no ditado, e mesmo assim erro não era bem, se considerarmos que as letras da palavra estavam lá todas, embora trocadas duas delas : em vez de « classe » tinha escrito « calsse ». Excesso de concentração, talvez. E foi aqui, agora que o penso, que a história da minha vida começou. (...) O melhor aluno da classe ocupava uma carteira logo à entrada da sala e ali desempenhava a honrosíssima função de porteiro da aula, pois era a ele que competia abrir a porta quando alguém batia de fora. Ora, a professora, surpreendida pelo talento ortográfico de um garoto que tinha acabado de chegar doutra escola, portanto suspeito de cábula por definição, mandou que eu me fosse sentar no lugar de primeiro da classe, donde, claro está, não teve outro remédio senão levantar-se o monarca destronado que lá se encontrava. Vejo-me, como se agora mesmo estivesse a suceder, arrebanhadas à pressa as minhas coisas, atravessando a aula no sentido longitudinal perante o olhar perplexo dos colegas (admirativo ? invejoso ?), e, com o coração em desordem, sentar-me no meu novo lugar. Quando o PEN Clube me atribuiu o seu prémio pelo romance *Levantado do Chão*, contei esta história para assegurar às pessoas presentes que nenhum momento de glória presente ou futura poderia, nem por sombras, comparar-se àquele. Hoje, porém, não consigo impedir-me de pensar no pobre rapaz, friamente desalojado por uma professora que devia saber tanto de pedagogia infantil como eu de partículas subatómicas, se já então se falava delas. Como iria ele comunicar aos pais, com razão orgulhosos do seu rebento, que havia sido apeado do pedestal por causa de um forasteiro desconhecido que acabara de aparecer do outro lado do horizonte, como Tom Mix e o seu cavalo *Raio* ? Não recordo se cheguei a fazer amizade com o desafortunado colega, o mais provável seria que ele não quisesse nem ver-me. Aliás, se a memória não me está a enganar, creio que pouco tempo depois fui transferido para outra aula, quem sabe se para resolver o problema criado pela pouca sensibilidade da professora. Não é difícil imaginar um pai furibundo a entrar pelo gabinete do director Vairinho adentro para lavar o seu veemente protesto contra a discriminação (usava-se já a palavra ?) de que o filho havia sido vítima.